

MUDANÇA DESCONCERTO DO MUNDO E VALOR DA POESIA EM CAMÕES

José Edil de Lima Alves — PUCRS

Inicialmente, cumpre-me agradecer ao honroso convite feito pelo prezado amigo e brilhante homem de letras, Doutor Antonio Felipe Neiva Soares, em nome do Consulado de Portugal em Porto Alegre e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na oportunidade em que mais uma vez se comemora o 10 de junho, marco significativo para as comunidades lusas.

É mister registrar, nessa oportunidade, minha condição de simples professor, para que o seleto número de intelectuais aqui presente, amante das letras e, em especial, da obra camoniana, não se surpreenda ao não presenciar uma conferência, mas possa desculpar-me pelo tom didático com que procurarei sublinhar algumas considerações sobre o fazer poético daquele que, no dizer do Dr. Storck, "vale por uma literatura".

Como sabemos, a Lírica camoniana constitui um vasto mundo de experiência humana.

Críticos renomados têm-na estudado dos mais diversos ângulos, submetido-a as mais diversas análises e todos têm sido unânimes em reconhecer-lhe a excelência do estro.

Ponto de referência obrigatória para quantos tenham, no trato com a Literatura Ibérica, o desejo de aprofundar seus conhecimentos, Camões tem, inclusive, resistido ao grave erro que nós, professores que alguma vez fomos de Língua Portuguesa, temos cometido contra ele. Refiro-me, como já perceberam, àquele de tratarmos sua produção, lírica ou épica, como material para análises morfológicas, sintáticas e quejandas.

Justiça se faça ao trabalho que a Lingüística, como ciência da linguagem verbal que é, vem desenvolvendo, ao corrigir distorções,

bem orientando a estudiosos e estudantes para a melhor maneira de aprofundar os conhecimentos da estrutura de uma língua viva.

Hoje compreendemos porque várias gerações, após passarem pelos bancos escolares, via de regra, tenham de cor uma meia dúzia de versos camonianos e abominam a sua poesia. Nada mais lógico. Por quantas reprovações em Português não foram seus poemas os pretensos responsáveis?

É preciso que se insista sempre no caráter "sui generis" da obra de arte literária e, em particular, no da obra poética. Fruto do conhecimento intuitivo, o poema dirige-se à emoção e por ela deve ser acolhido. O texto poético, pois, necessita ser fruído.

Só assim ele poderá levar-nos ao gozo, ao deleite estético, estágio mais elevado a que aspira e a que pode atingir a cultura humana.

A obra poética camoniana presta-se maravilhosamente bem para servir de instrumento na educação de nossos jovens.

Isso está acima de qualquer dúvida.

É preciso, contudo, que se lhe dê a justa importância e que uma orientação segura, formada de bom senso e de sensibilidade, encarregue-se de dar-lhe a devida dimensão, contribuindo para que se lhe possa distingui-la com o merecido apreço.

A lírica camoniana é vasta, repetimos.

A pretensão de abordá-la em seus múltiplos aspectos, opor-se-iam nosso limitado tempo e minha pouca competência.

Limitados, pois, por esse duplo obstáculo, vinguemo-nos como nos é possível. Por mim, começo por limitar o assunto.

Dentre os temas caros a Luís de Camões, facilmente pode-se destacar o da "MUDANÇA" que gera o "DESCONCEITO DO MUNDO". E vê-se esse tema presente não só na lírica, como também na épica. Frequentemente é possível detectá-la em redondilhas, sonetos, éclogas, odes, canções e elegias.

Assim, sempre temos presente o desconcerto do mundo, sublimemente cantado em vários tipos de composições e em metros os mais diferentes.

E, pareço-me, a tematização insistente da MUDANÇA tem, em Camões, sua razão de ser explicada por uma dupla tensão: exterior e interior. Como tensão exterior, a observação do mundo circundante que conhece, na época do Poeta, as transformações mais profundas e revolucionárias. Essas mudanças são intuídas pelo vate e transformadas em objeto de experiência interna; como tensão interior, a intensa e conturbada vida do Poeta que seu gênio ficando bem soube exprimir pela linguagem verbal.

Camões, tenhamos bem presente, é, não só o homem do Renascimento, mas o do período de transição.

Explico-me. Ao afirmar-se o gênio da poesia lusa, a partir da segunda metade do século XVI, o grande renascimento italiano está no ocaso. A Espanha, para só tomarmos o país irmão e vizi-

nho, já se deleitara com o estro de Borcán e de, principalmente, Garcilaso.

A situação sócio-político-econômico-religiosa na Europa é de mudanças radicais. E Portugal, apesar de sua condição peculiar juntamente com a Espanha, em termos de civilização europeia — permitam-me que lhes recorde o grande Unamuno em seu projeto quase quixotesco de espanholizar a Europa, para que a Espanha não se europeizasse — sofre uma dupla pressão.

Sabemos o quanto a Idade Média está arraigada à maneira de ser do homem ibérico, mormente no que diz respeito à força espiritual teocêntrica.

Ora, o Renascentista, assentado em seus pressupostos antropocentristas, necessariamente cria a tensão existencial que não chega a uma síntese satisfatória e nem consegue manter-se por muito tempo em equilíbrio. O rompimento dessa tensão, pela época em que vive Camões, é iminente.

Por outro lado, os feitos ibéricos durante o período das grandes navegações, possibilitando que Portugal fosse "dando ao mundo novos mundos", foram ensejando, como não poderia deixar de ser, a euforia das conquistas, a exacerbação dos sentimentos a respeito do valor e do poderio nacionais, o que estimula o ufanismo e a antevisão de maiores conquistas e de maiores realizações.

O teocentrismo medieval ibérico resiste às investidas renovadoras, protegido no "amigo curral de quem governo o ceo rotundo". O poder do homem é reconhecido e valorizado em função do que se destina: a conquista do mundo para a causa da Igreja Católica. São dignos de renome aqueles "Reis que foram dilatando a Fé".

A ideologia massiânico-católica que inspira os movimentos ibéricos na época renascentista, como se percebe, é acentuadamente diversa daquela que domina as demais regiões da Europa. E cronologicamente, o movimento, no seu todo, é posterior na parte ocidental do continente.

Ora, considerando-se que a vida de Luís de Camões foi feita de constantes peripécias e vicissitudes e que de vicissitudes e de peripécias estava sendo feita a vida de Portugal, por ocasião da passagem do Poeta por esse "vale de lágrimas", não nos pode surpreender a tematização da MUDANÇA que provoca o DESCONCERTO DO MUNDO na lírica de quem, por peculiaridades de temperamento, foi chamado "O Trinca Fortes".

Tudo, se observarmos a poesia camoniana, tudo pode ser causa para provocar mudança e, via de regra, desconcerto. Os afeitos podem ser os mais diversos, também.

O desconcerto pode ser o resultado, por exemplo, das penas que o "deus cego" costuma impor àqueles a quem uma vez iludiu ao acertar-lhe suas flexas. E pode aparecer em glosas a mote alheio — como se vê naquele:

Campos bem-aventurados
Tornai-os agora tristes
Que os dias que vistes
Alegre, já são passados.

Na quarta glosa, lê-se:

O tempo, que é desigual,
De secos, verdes vos tem;
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
MAS O MEU PERA MOR MAL.
Se perguntais, verdes prados,
Que de Amor me foram dados
Tristes, aqui são presentes;
Alegres, já são passados.

Temos aqui uma amostra da capacidade de domínio da técnica do verso, porque, na verdade, tal tipo de composição constitui-se em uma espécie de exercício formal para o Poeta. Artista da PALAVRA, vemo-lo seguidamente jogar com uma série de termos em diversas acepções e, parece, agrada-lhe demonstrar a facilidade que tem para versejar, tomando pretextos circunstanciais e compondo poemas de efeito.

Há, nas rondilhas, inúmeros exemplos semelhantes.

Mas é nos sonetos que vamos encontrar exemplares magníficos das mudanças que AMOR impõe aos corações enamorados. O sofrimento amoroso, causado, por exemplo, pela certeza do desprezo e pela impossibilidade de conquistar o verdeiro ser amado, impõe mudanças profundas em curto espaço:

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil, vaqueiro; e em si vingava
O erro alheio e pérfida esquivação.
A discrição segura, a confiança,
As rosas que seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda uma áspera mudança.
Gentil planta, disposta em seca terra,
Lindo fruto de dura mão colhido,
Lembranças de outro amor e fé perjura,
Tornaram verde prado em dura serra:
Interessa enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a fermosura.

Mas, a força interior que vibra na pessoa em face do ser amado, a intensidade da vibração emocional, incontrolável pela razão, isso também pode provocar o desconcerto, único modo de explicar as contradições inexplicáveis do comportamento do amante:

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O Mundo todo abarco e nada aperto.
É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vida um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.
Estando em terra, chego ao céu voando;
Nua hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.
Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

A indiferença da amada pode, em certos casos, ser o próprio sustento e esperança de vida do amante — sublime desconcerto, paradoxo inigualável! —

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com Sol em fermosura e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lágrimas, de vê-los, se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta divindade;
E da triste prisão da escuridade,
Cheios de medo, por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
O áspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida.
Oh! gentil cura e estranho desconcerto!
Que fará o favor que vós não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

Todavia, não nos surpreendamos com a mudança, pois bem que ela pode tornar-se uma arma contra os que desdenham de quem só lhes oferece com fervor o seu afeto e admiração.

Ironicamente, a vingança do amante desprezado poderá lhe vir pela mudança que não perdoo a nada nem a ninguém:

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que tanto viva delas,

Que veja escuro o lume das estrelas
Em cuja vista o meu se acende e mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;
Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.
Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrependar minha vingança.

Contudo, a mudança que causa maior surpresa, aquela que colhe o indivíduo completamente desprevenido não é a que ocorre natural e regularmente. Não! a que realmente faz abalar as estruturas internas do indivíduo, a que esgota todas as reservas morais e espirituais do homem é aquela que contraria a própria regularidade e constância da mudança:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.
E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

Assim, pois, em meio a tais mudanças e perplexo pelo desconcerto que elas causam, parece que somente resta uma saída. Se nada mais obedece a uma regularidade, se a lei que tudo rege se caracteriza por esta inconstância, a única solução é tentar acompanhar o descompasso, alinhar na estrada ampla e comum do desconcerto:

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado
Fui mau, mas fui castigado,
Assim que, só pera mim
Anda o Mundo concertado.

É, sem dúvida, a ironia suprema. Mas, não é só. Portugal, perdendo dia-a-dia não seu império vastíssimo, mas sua própria soberania, o grande projeto messiânico ruindo com a incompetência dos administradores, a proliferação do "gosto da cubiça" que obriga o gênio depor a lira, face a tal desconcerto imposto pela mudança, não estranha que o canto do homem se ressinta de uma profunda mágoa e que o grito de desespero, pela falência do sonho frustrado, saia estrangulado num sussuro de sofrimento profundo:

O dia em que nasci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar;
Não torne mais ao Mundo, e, se tornar,
Eclipse nesse passo o Sol padeça.

A luz lhe falte, o Sol se (lhe) escureça
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe o próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temeroso, não te espantes,
Que este dia deitou ao Mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

A mudança é, basicamente, provocada pelo tempo. O homem, capaz de cometer façanhas inigualáveis e imensamente superior às suas forças, não consegue, está provado, manter-se sempre naqueles píncaros a que, superando-se, atinge. Ele, por mais que faça, não consegue altrapassar, senão por ínfimos segundos, sua condição de "bicho da terra tão pequeno". Sozinho, exilado em Babilônia, ele chora as saudades de Sião:

Sobolos rios que vão
Por Babilônia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.

Ali, o rio corrente
Da meus olhos foi manado;
E, tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.

Ali, depois de acordado,
Com rosto banhado em água;
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é mágoa.
E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo as esperanças.

O tempo da felicidade terrena é o da breve ilusão, mas o tempo do sofrimento, é o da própria vida do homem. A felicidade é o passado, a dor é o presente. Por isso a irônica situação da mudança: só depois que passa, o tempo consegue ser o da felicidade.

Porém, a esperança também reside na mudança. Ela que, apoiada no tempo, gera todos os desconcertos, será a única capaz de provocar o fim do tempo. E, liberto do tempo, o homem poderá ver-se livre do espaço visível que o aprisiona.

Babel, o espaço terrestre, será destruída e o homem poderá atingir sua meta superior, aquela morada para a qual foi feito. Sião, será o fim da mudança e o desconcerto não terá, ali, abrigo. A felicidade será o eterno presente e a saudade, filha dileta da mudança, terá deixado para sempre de existir, pois ela (saudade) não é, senão:

... .. do Céu,
daquela santa Cidade
de onde a alma descendeu.

... ..
Ó tu, divino aposento,
Minha pátria singular,
Se só com te imaginar

Tanto sobe o entendimento,
Que fará, se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
Peratti terra excelente
Tão justo e tão penitente,
Que, depois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

Parece-me que nessa preocupação de tematizar a mudança e na oposição que faz entre PASSADO X PRESENTE; FELICIDADE X SOFRIMENTO CÉU X TERRA Camões revela-se como o Poeta de Transição. Tudo, aí, denuncia o Barroco. O grande Poeta Português está, desse modo, cumprindo o seu papel, pois não há dúvida de que o verdadeiro artista aponta para os caminhos que a Arte deverá seguir. Ele deve ser o preconizador.

As influências de Petrarca e de Garcilaso sobre a obra camoniana são facilmente perceptíveis. Sua condição de grande criador é, contudo, incontestável. Inovou nos temas, vislumbrou novos rumos. Trabalhou o conteúdo do verso com mestria, desvendou a alma do homem ibérico (especialmente do Português) de seu tempo, sem descuidar do conhecimento dos antepassados. Desse modo, desenhou os traços essenciais do espírito português do futuro.

Foi renascentista particularmente pelo valor que atribui à capacidade de valorização do homem, o que expressou de modo singular em sua épica:

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passarão ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo reino, que tanto sublimarão,

E também as memorias gloriosas
D'aqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
De Africa e de Asia andarão devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Como está dito nos dois últimos versos, é renascentista pela consciência do valor do canto.

... ..
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Netuno e Marte obedecerão;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

(Os Lusíadas — I — 1,2,3)

O outro valor mais alto que se alevanta tem dupla face. Não é apenas o da ação lusa, mas, igualmente o do canto português, feito em som alto e sublimado e em estilo grandílogo e corrente.

E esse valor do canto, a profunda consciência de que ao homem é dado o poder de immortalizar-se pelo canto, reafirma não só a condição superior do Homem, mas, o que é muitíssimo mais, a condição ímpar do Poeta e, por extensão, a do Artista. No intelecto artístico resume-se a essência mesma de toda a criação. Dotado desse poder e com a justa noção do quanto ele significa, o Poeta arroga-se o direito de eternizar, pelo Canto, a amada, por exemplo

Cara minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Por que me falta a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina fermosura;
Mas enquanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.

E, se os meus rudos versos podem tanto
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,

Celebrada serás sempre em meu canto;
Porque, enquanto no mundo houver memória,
Será minha escritura teu letreiro.

A "lei da morte" o Poeta vai "libertando" aos que lhe são caros: amada, o herói e o amigo:

Porém, se te não for muito pesado,
Já que esta triste morte me lembraste,
Cantarás desse caso desastrado
Aqueles brandos versos que cantaste
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nós outros, pastores, te apartate;
Que eu também, que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

E, depois que o pastor relata o "triste caso dino de memória", ouvido por toda a natureza concentrada em profundo respeito, tem-se a confirmação do poder do canto:

Qual o quieto sono a os cansados,
Debaixo de alguma árvore sobria,
Ou qual aos sequiosos e encalmados
O vento respirante e a fonte fria,
Tais me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia;
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.

Enquanto os peixes húmidos tiverem
As areosas covas deste rio,
E, correndo, estas águas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio;
E enquanto estas ervinhas pasto derem
As petulantes cabras, eu te fio
Que, em virtude dos versos que cantaste,
Sempre viva o pastor que tanto amaste.

E a condição de homem renascentista é que permite a Camões, com toda a singeleza, usar com ênfase os versos que, perecendo jactância aos menos avisados, manifestam ao Rei sua intenção de servi-lo e apresentá-lo aos Soberano as credenciais maiores que possui, a consciência de ser duplamente bem dotado e, fruto daquele período, ter desenvolvido, na mesma medida, as virtudes mais valorizadas na época:

Pera servir-vos, braço às armas feito;
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
(Os Lusíadas, X — 155)

OBSERVAÇÃO

O PRESENTE TRABALHO FOI APRESENTADO NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, NO DIA 8/6/77, DENTRO DAS COMEMORAÇÕES, LEVADAS A EFEITO PELO CONSULADO DE PORTUGAL EM PORTO ALEGRE JUNTAMENTE COM A SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS, NA PASSAGEM DE MAIS UMA DATA CAMONIANA.